

# O Sentido Dialógico e Transformador da Obra de Mônica Nador

*The Dialogic and Transformative Sense of Mônica Nador's Work*

RONALDO ALEXANDRE DE OLIVEIRA\*

Artigo completo enviado a 26 de janeiro e aprovado a 31 de janeiro 2014

\*Par acadêmico externo da Revista Estúdio. Professor universitário e artista visual.

AFILIAÇÃO: Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Arte Visual. Rodovia Celso Garcia Cid, Pr 445 Km 380, Campus Universitário Cx. Postal 6001, CEP 86051-990, Londrina — Paraná — Brasil. E-mail: roliv1@gmail.com

**Resumo:** O objetivo deste artigo é tecer uma reflexão sobre um recorte da produção da artista visual brasileira Mônica Nador. Amparado sobre os conceitos de Estética Conectiva (Suzi Gablik, 2005) e de Dialogicidade (Paulo Freire, 1987), este artigo entrelaça as ideias dos referidos autores com o processo de criação de Nador, em que a artista abandona os modos tradicionais e individuais de se fazer arte e envereda a criar com o outro de maneira coletiva. Deste modo, Nador reinventa a si, estabelecendo uma conexão social, onde o outro assume um papel de protagonista diante deste fazer.

**Palavras chave:** Estética Conectiva / dialogicidade / arte contemporânea.

**Abstract:** *The aim of this article is to present a reflection on some aspects of the visual production of Brazilian artist Mônica Nador. Based on the concept of Connective Aesthetics (Suzi Gablik, 2005), and of Dialogicity (Paulo Freire, 1987), this article intertwines the ideas of these authors with the process of creation of Nador, in which the artist abandons traditional and individual modes of art creation and invests in the collective processes of creation with the other. In this way, Nador reinvents herself and establishes a social connection in which the other assumes a central role concerning the practice of art.*

**Keywords:** *Connective Aesthetics / Dialogicity, / Contemporary Art.*

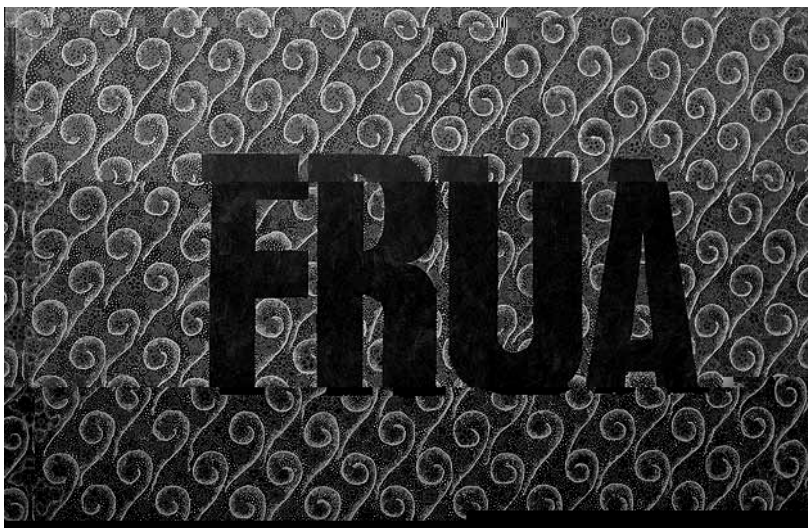
## Introdução

Mônica Panizza Nador é uma artista visual brasileira nascida em 1958, na cidade de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo. Formou-se em artes plásticas pela Fundação Armando Alvares Penteado — FAAP — localizada em São Paulo, em 1983; e concluiu o mestrado pela Escola de Comunicação e Artes/USP, em 2000. Mônica Nador participou da exposição “Como Vai Você Geração 80?”, exposição esta, que agrupou e revelou importantes nomes da arte contemporânea brasileira.

O presente texto centra-se na trajetória da artista, refletindo sobre sua produção e entrelaçando nossas indagações e crenças sobre o fazer arte na contemporaneidade. Na década de 80, Mônica Nador trabalhou, no início da sua carreira, com pinturas de grandes dimensões, com pinceladas livres; grandes áreas de cor, ornamentadas por arabescos e repetições, em que transparecia uma atmosfera do sagrado, um sentido transcendente que emanava das suas imagens. Nos anos 90, no caminhar da sua produção, Mônica Nador incorporou a palavra à sua pintura. Palavras como MERGULHE, FRUA e ATRAVESSE, escritas em caixa alta, passaram a compor, juntamente com grandes áreas de cores e arabescos, a sua produção. Parece haver aí um convite, uma sugestão ou uma pista para o espectador trilhar um caminho; viver a obra.

Neste momento de sua carreira, já percebemos em seu trabalho, a preocupação com uma aproximação maior com aquele que aprecia sua obra, pois, as palavras e imagens atuam como um convite. São palavras que, pela sua própria natureza semântica, colocam aquele que vê numa posição de “participante”, como se a artista convidasse este que olha para viver a obra. A partir de 1999, a artista inicia um processo de trabalhos colaborativos, em que a participação do outro torna-se fundamental à sua constituição. O projeto intitulado “Paredes Pinturas” é um exemplo de trabalho desenvolvido em determinadas comunidades, em que a beleza, o ornamentar das casas e dos muros, advindos do envolvimento possibilitado pelo trabalho coletivo é fundamental na constituição destas produções. Nesta perspectiva, nos remetemos ao conceito de *Estética Conectiva* de Suzi Gablik (2005), que propõe uma abertura ao outro, ao contexto; a fazer arte com o outro, com o mundo e no próprio mundo que nos circunda. Conforme as palavras da autora, “no lugar do isolamento e do mito do gênio ou talento artístico, temos atitudes imbuídas de sentimentos de união, fraternidade, de dependência e interconectividade” (Gablik, 2005: 610).

Em 2004, Mônica Nador, fixa residência no Jardim Miriam (bairro periférico da região sul da cidade de São Paulo). É a partir desta mudança física que a artista, envolvida com o lugar, com seus moradores e outros artistas



**Figura 1** - Mônica Nador: "Frua", acrílico sobre tela, 47 x 70 cm. 1991. Fonte: Galeria Luciana Brito.

**Figura 2** - Turma de aprendizes — Oficina Ateliê na Oswald de Andrade — São Paulo / Brasil — 2014. Fonte: <http://jamacarteclube.wordpress.com/tag/monica-nador>

colaboradores, cria o JAMAC (Jardim Míriam Arte Clube), cujo objetivo é promover e congregar a arte e a cultura no bairro.

Trabalhando de forma compartilhada, seja por meio de pinturas em paredes com diversas padronagens, seja por meio da criação de estampas, camisetas e objetos, os participantes reinventam modos de operar no campo da arte e da vida. Nador comenta que, possivelmente, um dos aspectos mais importantes do seu trabalho é “proporcionar o contato com a dimensão do belo para o maior número de pessoas possível.” Nador salienta que o objetivo é “executar pinturas de parede em lugares e zonas urbanas que são excluídas do circuito das artes.” A artista busca lugares e comunidades que são “desprovidas de qualquer equipamento cultural”. Na sua visão, esta forma de arte “estaria colaborando para a expansão dos limites impostos à experiência estética pelo circuito protegido de arte” (Nador, 2001:1). Percebemos, assim, a preocupação da artista em dialogar com o espaço e com as pessoas envolvidas na produção de arte. Ao incorporar o outro ao seu processo de criação, dando voz ao outro, a artista possibilita meios para que este outro se expresse em comunhão com tantos outros. Assim, Nador aproxima-se das reflexões de Paulo Freire quanto à dimensão dialógica na construção do conhecimento e de si. Freire argumenta:

*Como posso dialogar se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim? Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros “isto”, em quem não reconheço outros eus? Como posso dialogar, se me sinto participante de um gueto de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são “essa gente”, ou são “nativos inferiores”? Como posso dialogar, se parto de que a pronúncia do mundo é tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua deterioração que devo evitar? (Freire, 1987:80).*

Para Freire, o diálogo se dá no encontro entre as pessoas e é deste encontro, que, conforme Freire, nascem os processos de um conhecimento construído em comunhão uns com os outros. Freire ainda nos adverte: “Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros que jamais reconheço, e até me sinto ofendido por ela? Como posso dialogar, se temo a superação e se, só em pensar nela sofro e definho? (Freire, 1987:80).”

O trabalho pensado nessa dimensão implica em riscos, numa busca constante por estrutura, o que segundo a própria artista, muitas vezes não é fácil. O trabalho de Nador se estende para outras áreas na comunidade, criando parcerias, como é o caso de uma cooperativa de catadores de material reciclável a “Pedra sobre Pedra”. Esta mesma cooperativa levou espetáculos de capoeira para os

visitantes da 27ª. Bienal de São Paulo. Conexões e apoio de galerias de arte também são alternativas para o fortalecimento do trabalho (Nador, 2006:94). A arte que Nador traz em evidência provoca uma relação essencialmente dialógica, que não parece ser fruto de suas elaborações somente, e sim de um pensar sobre os processos de criação situados na coletividade. Esta é uma outra maneira de operar na arte e no mundo.

É interessante que ao descrever os aspectos do projeto, desde a sua estrutura física, até à maneira de manutenção, Mônica Nador vai dimensionando o que é fazer arte nesta perspectiva; reinvindicando a beleza a estes lugares e também à vida das pessoas envolvidas. A artista afirma:

*Parto do princípio de que em maior ou menor grau para cada pessoa, a beleza pura e simples é um dado indispensável para a sua saúde mental, tendo como exemplo principalmente a minha própria experiência. Tenho ainda a convicção de que a nossa saúde mental é um item absolutamente decisivo na opção pela sobrevivência do planeta (Nador, 2002:1).*

Essa postura de Nador diante do fazer arte muito se distancia dos modos tradicionais de operar no campo da criação, ou seja, distancia-se da ideia de artista fechado em seu atelier a criar. Após a criação, a obra tradicional ganha as paredes das galerias, museus, entrando para o circuito tradicional dos modos de exibição de arte. Esta realidade nos remete às indagações que têm surgido a respeito do papel do artista na sociedade, desde o sentido que se dá ao processo de criação como também à apreciação artística. Trata-se de uma necessidade premente de se pensar estes processos de modo a avaliar até que ponto a arte de nossos dias tem demonstrado possuir um valor social. Nas palavras de Gablik:

*[...] Nas sociedades contemporâneas, a arte passou a ser entendida como um conjunto de objetos especializados, que são elaborados não por razões morais ou sociais, mas sim, por motivações individualistas que buscam nas obras somente a experiência de contemplação e apreciação [...]. (Gablik, 2005:601).*

Esta perspectiva se opõe radicalmente à noção de trabalho colaborativo e também à noção de comunidade. Gablik enfatiza o quanto a estética modernista esteve comprometida com uma “*consciência materialista e visão científica do mundo*”, onde a ciência vale por si mesma, não importando a sua aplicabilidade e compromisso social. E conseqüentemente os artistas são condicionados a não se preocupar com as aplicações ou conseqüências de suas obras, ou ainda com o



**Figura 3** · Mônica Nador: "Par de Casas," fotografia 27,2 x 46,0, 1999. Fonte: Galeria Luciana Brito.

**Figura 4** · Mônica Nador: Pintura em fachada de casa, Projeto Paredes Pinturas s/d.

propósito moral de seu trabalho. Esta arte é situada num vácuo, e removida do contexto social. Conforme Gablik:

*No mundo contemporâneo esta arte contemplativa se situa no contexto de uma suposta autonomia estética que se apresenta como "neutra", mas que no fundo está comprometida com a ideologia capitalista, que visa, sobretudo ao consumo e ao lucro. Tal arte é combinada muito bem com poder e aliada a este processo de produção para venda e geração de lucro, reside a noção de que o artista é um gênio isolado, e que a obra de arte sempre será produto das elaborações de um indivíduo (Gablik, 2005: 601, 602).*

Nador, ao contrário de fechar-se em seu mundo, volta-se para a comunidade, provocando uma relação essencialmente dialógica, dando uma nova visão sobre o papel do artista. A produção de Nador nos aproxima daquilo que Gablik nos fala quanto aos novos valores que a arte pode ganhar: "Muito da nova arte concentra-se na criatividade social, mais do que na auto-expressão, e contradiz o mito do gênio isolado — privado, subjetivo, atrás de portas fechadas de um estúdio, separado dos outros e do mundo" (Gablik, 2005: 602).

Percebemos em Nador um processo de criação diretamente conectado com aqueles com os quais está envolvida. Sua produção tem um compromisso social, ético, algo de transformador na vida daqueles com os quais cria. Esta postura da artista se traduz numa oposição ao mito cultural e crença sobre o "verdadeiro artista", que faz descuidar de um sentido mais profundo para a própria arte.

A *Estética Conectiva* busca estabelecer relações com o outro de modo a torná-lo visível para si e para muitos outros, onde compaixão e cuidado, passam a habitar, do mesmo modo, estas relações. Gablik, assim como Nador, buscam "um "Eu ouvinte", que "cultiva o entrelaçamento do self e do Outro", numa relação de empatia recíproca, onde ao invés de auto-expressão temos aqui o diálogo" (Gablik, 2005: 606). Para Nador, "o contexto social torna-se um campo contínuo, propício à interação, para um processo de relacionamento e tessitura conjunta [...]" (Gablik, 2005: 610).

O posicionamento de Nador distancia-se da postura tradicional do artista que se isola para criar, e que, posteriormente, coloca sua criação no mundo. Pelo contrário, ela vai ao lugar, até as pessoas, e lá, junto com elas, criam coletivamente, ornamentam, enfeitam, embelezam. Nador faz do mundo e com o mundo seu lugar da criação. Sobre seus objetivos, a artista esclarece: "Decidi que queria fazer um trabalho visualmente acessível para qualquer um, que não exigisse um currículo filosófico e estético para que o trabalho fosse entendido" (Nador, 2002: 1).



**Figura 5** · Mônica Nador: Trabalho desenvolvido no espaço — Projeto *Paredes Pinturas* s/d.

É corajosa a postura de Nador frente à arte, frente à produção contemporânea, que tantas vezes exige que tenhamos um amplo repertório para adentrar a obra, para compreendê-la. Nador diminui estas distâncias ao colocar a pessoa comum numa posição de protagonista, autora, propiciando que cada um possa acrescentar algo de si, da sua própria arte, da sua potência e do mundo ao qual faz parte. Nador afirma que não pretende “fazer qualquer denúncia, nem chamar a atenção para algum dos muitos problemas socioeconômicos existentes”. A artista quer apenas “proporcionar o contato dos ditos excluídos com um produto cultural que jamais teriam chance de conhecer” (Nador, 2002:1).

### **Considerações Finais**

O sentido social da arte, como é articulado por Mônica Nador, faz cair por terra muitas de nossas crenças, e também inverte os processos criativos, na medida em que a artista passa a pensar sobre problemas que antes pareciam não ter ligação ou relação nenhuma com seu trabalho. Os artistas dessa nova perspectiva estão, ao contrário, preocupados em contribuir para a solução dos problemas sociais de nosso tempo. O trabalho de Nador encontra eco e sintonia, por exemplo, na postura e atitude de muitos outros artistas que estiveram presentes na edição da 27ª Bienal Internacional de São Paulo, tais como: a cooperativa cultural denominada Eloísa Cartonera (Argentina), Long March Project (China),



e também outros artistas, dentre os quais destaco os brasileiros Beth Moyses e Alexandre Siqueira. É o que, em nossas reflexões, percebemos emergir na obra de Nador, num diálogo íntimo, sensível e transformador.

### Referências

- Artevida Util* (2006). Entrevista com Monica Nador concedida a David Sperling, São Carlos, RISCO: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo, EESC — USP, [Consult.24-02-2014] Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/risco/article/viewFile/44677/48299>.
- Bourriaud, Nicolas (2006) "Estética Relacional", a política das relações. In: Lagnado, Lisette. 27° *Bienal de São Paulo—Seminários*. Rio de Janeiro: Cobogó. ISBN: 978.85.60965.02-1
- Freire, P. (1987) *Pedagogia do oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, ISBN: 85-219-0005-8
- Gablik, "O Desfazer da Suzi Gablik Modernista". In: Guinsburg, J.; Barbosa, Ana M. (org.). *O Pós-Modernismo*. São Paulo: Perspectiva. 2005, p. 623 — 627. ISBN: 85-273-0711-1
- Nador, Monica (2002) *Paredes pintadas, drops*, São Paulo, ano 02, n. 004.01, Vitruvius, jan. 2002 ISSN 2175-6716. [Consult.18-02-2014] Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/02.004/1584>
- Galeria Luciana Brito* (s/d) Mônica Nador. [Consult. 2014-2-26] Disponível em <http://www.lucianabritogaleria.com.br/artists/26>